

O FABULOSO REINO DOS MANSAS DO MALI

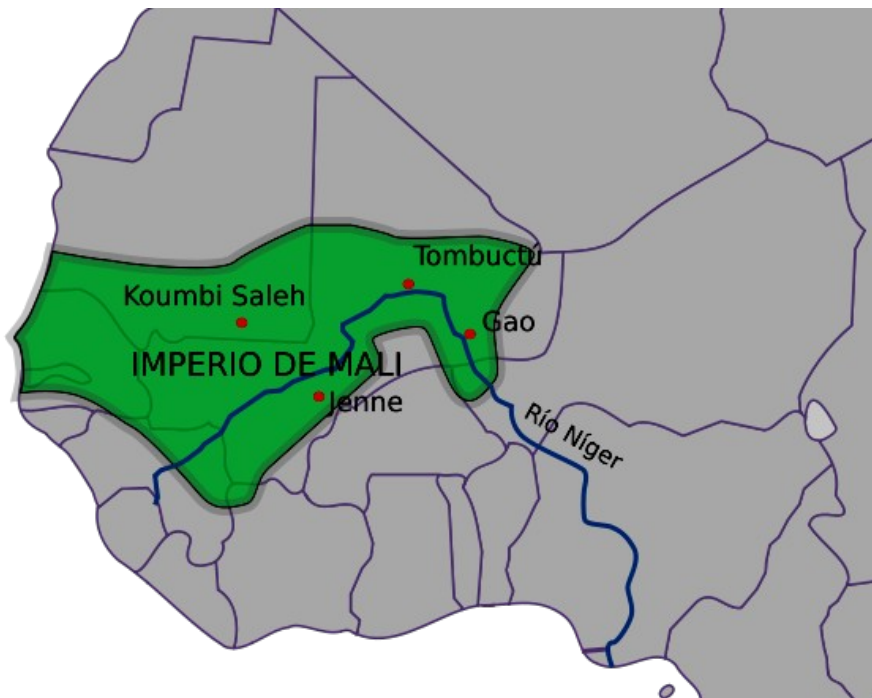
Maurício Waldman¹

Raramente os livros didáticos de história registram fatos relacionados com a História da África Negra e quando o fazem, é quase sempre no prisma da desqualificação e do preconceito. Uma das lacunas mais notórias é a relacionada com os grandes impérios negros que surgiram na faixa do *Sahel*. A palavra Sahel é proveniente do árabe, significando *Borda do Deserto*, que no caso é a do Saara.

A área caracteriza-se pela presença de vastas extensões de savanas, sendo conhecida como Sudão. Esta enorme porção da África presenciou, particularmente na sua porção ocidental, o surgimento de grandes Impérios, caso do Ghana, Mali e Songhai. Destes, o Mali ocupou uma posição de inegável destaque.

O Mali era governado pelos *Mansas*, isto é, imperadores. Seu surgimento relaciona-se com os feitos que cercam a memória do primeiro *Mansa*, Sundjata Keita. A vitória de Sundjata sobre seu rival Suamoro Kantê, o Rei do Sosso, na Batalha de Kirina (1235 d.C.), foi o marco fundamental para a criação do Império, ampliado pelos seus sucessores, perdurando até o século XV.

O Mali tornou-se um poderoso Estado, configurando um respeitável arranjo territorial, alcançando o Atlântico e o curso médio do Níger no sentido Leste-Oeste, e o Saara e a Floresta Equatorial no sentido Norte-Sul.



O Império do Mali em 1350 e as fronteiras dos atuais Estados Africanos

As realizações do reinado de Sundjata (1230-1255 d.C.), foi preservada graças ao trabalho dos *griots*. O *griot* corresponde aos contadores de histórias que imemorialmente percorrem a savana na tarefa de transmitir ao povo os dados fundamentais da sua história.

O interesse pelo Império do Mali, decorre, em particular, do fato deste estado africano ter constituído uma das mais notáveis construções políticas da História da humanidade.

O Império, drenado pelo curso de grandes rios (Senegal e Níger), espalhava-se pela Savana e partes do Saara e da floresta pluvial. Com base nesta posição geográfica, o Mali controlou um vasto emaranhado de rotas de comércio, tomando a direção do

¹ Sociólogo (USP), Mestre em Antropologia (USP) e Doutor em Geografia (USP), Maurício Waldman é colaborador do *Centro de Estudos Africanos da USP*, atuando em consultoria e capacitação em afro-educação.

que atualmente são os países do Golfo da Guiné, Sudão Oriental, Magreb, Egito e alhures, todas de antiguidade no mínimo remota.

As realizações do reinado de Sundjata (1230-1255 d.C.), foi preservada graças ao trabalho dos *griots*. O *griot* corresponde aos contadores de histórias que imemorialmente percorrem a savana na tarefa de transmitir ao povo os dados fundamentais da sua História.

O interesse pelo Império do Mali, decorre, em particular, do fato deste Estado Africano ter constituído uma das mais notáveis construções políticas da história da humanidade. O Império, drenado pelo curso de grandes rios (Senegal e Níger), espalhava-se pela Savana, partes do Saara e da floresta pluvial. Com base nesta posição geográfica, o Mali controlou um emaranhado de rotas comerciais, na direção da Guiné, do Sudão Oriental, do Magreb e do Egito, todas de antiguidade no mínimo remota. Na direção do Golfo da Guiné, estes caminhos decorriam do velho comércio tradicional que associava a savana à floresta tropical e ao baixo Níger.

Quanto às rotas que cruzavam o Saara, igualmente eram muito antigas. Em toda extensão destes caminhos imemorais, pinturas rupestres assinalam contatos pré-históricos imemorais entre o Mediterrâneo e a África Negra. Isto posto, temos que o deserto jamais constituiu uma verdadeira barreira e quando muito, exerceu apenas um papel de filtro.

No que diz respeito à vida urbana, a arqueologia comprova uma antiga e florescente urbanização. A cidade de Djenné-Djeno, situada no vale do Níger, remonta, por exemplo, ao século III A.C., sendo que seus mercadores já transitavam desde os séculos V e VI ao longo dos espaços da savana sudanesa.



Mesquita de Timbuctu (Mali), construída com base em técnicas tradicionais de arquitetura de terra, típicas do Sudão Ocidental e em voga até os dias de hoje.

O Mali, compreendendo no seu apogeu uma vasta extensão territorial, aglutinava células espaciais ajustadas a diferentes frações do meio ambiente, formando algo como um mosaico de recursos complementares. Além da agricultura, da criação, da pesca, da caça, do artesanato e do comércio, ganhou destaque a mineração do ouro, retirado dos fabulosos veios de Galam, do Burée e do Bambouk, suscitando no imaginário europeu a imagem de um Rei do Ouro: o *Mansa* do Mali.

Especialmente Mussa I, um sucessor de Sundjata, difundiu esta imagem pelo mundo árabe. Em sua peregrinação a Meca, Mussa I fez-se acompanhar de nada menos que 60.000 carregadores e de 500 servidores, todos com vestimentas recamadas de ouro, segurando cada um deles uma bengala também de ouro. No trajeto, este rei distribuiu tanto ouro que o preço do metal declinou em todo o mundo conhecido durante mais de dez anos!

Graças a sua prosperidade, o Mali alcançou uma população de 40/50 milhões de habitantes, que segundo todos os informes, desconhecia a carestia. Mesmo em termos de uma demografia contemporânea, este contingente populacional é uma cifra nada desprezível.

No passado, o Egito e os Impérios Asteca, Romano e Chinês, alcançaram respectivamente, nos seus momentos de apogeu, 15, 20, 100 e 200 milhões de habitantes. Por conseguinte, o Mali constituiu, pois um dos mais bem sucedidos “formigueiros humanos” da Pré-Modernidade.

Outros fatos surpreendentes podem ainda ser registrados. O Mali, tendo no comércio um de suas notas marcantes, não foi indiferente à navegação marítima.

Comprovadamente, foram lançadas no Atlântico duas gigantescas expedições, formadas por 2.000 embarcações, que demandaram na direção do Oeste, ou seja, *da América*.

Mesmo que a possibilidade de terem alcançado ou não o continente americano alvo de controvérsias, o fato por si só evidencia o poderio e o talento organizacional de um Estado Tradicional Africano que a historiografia ocidental tem solenemente ignorado.

Outro aspecto, é que contrariando variada gama de veredictos que decretam como inviáveis os Estados pluri-étnicos - *dita que recai sobremaneira sobre os Estados da África Negra* - o Mali é uma soberba demonstração de que *Unidade e Diversidade não são incompatíveis*.

No Mali, coexistiram diversas etnias, cada uma delas com sua própria língua e cultura, mantendo durante mais de três séculos uma vida comum sob autoridade dos *Mansas*.

Este lapso de tempo, maior do que o da existência da maioria dos Estados Europeus de hoje, mostra que antes de se questionar a diversidade, o problema talvez resida na capacitação das estruturas políticas “mais avançadas” em assumirem a pluralidade.

E mais ainda, o quanto o passado dos povos do Terceiro Mundo pode constituir uma alavanca para repensar o presente, na direção de novas expectativas, anseios e esperanças!



O Mansa do Mali , tal como retratado no famoso Atlas Catalão, obra do cartógrafo judeu Abraham Cresques (Séc. XIV).
O Mansa segura nas suas mãos uma pepita de ouro, cercado de cidades e fortalezas.

PARA CITAR OU REPRODUZIR ESTE TEXTO, É OBRIGATÓRIA A REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA QUE SEGUE:

**WALDMAN, Maurício. *O Fabuloso Reino dos Mansas do Mali, Anexo de Memória D'África*
- *A Temática Africana em Sala de Aula*, p. 311-313. São Paulo: Cortez Editora. 2006**

OBRA DE MAURÍCIO WALDMAN RELACIONADA COM O TEMA

MEMÓRIA D'ÁFRICA – TEMÁTICA AFRICANA EM SALA DE AULA, CORTEZ EDITORA, 2007

Saiba mais: <http://www.lojacortezeditora.com.br/memoria-africa.html>

MAURÍCIO WALDMAN - INFORMAÇÕES PORMENORIZADAS

Home-Page Pessoal: www.mw.pro.br

Biografia Wikipedia English: http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman

Currículo no CNPq - Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3749636915642474>